

As duas possíveis faces da sintomatologia na obra de Gilles Deleuze durante a década de 60

THE TWO POSSIBLE FACES OF SYMPTOMATOLOGY IN THE WORK OF GILLES DELEUZE DURING THE 1960S

*Flávio Luiz de Castro Freitas**

*Luciano da Silva Façanha ***

*Brenda dos Santos Menezes ****

*Juliana Mendes Campos *****

RESUMO

o presente artigo se propõe a postular que concepção de sintomatologia apresentada por Gilles Deleuze no “Prólogo” do livro sobre Sacher-Masoch, em 1967, possui duas faces complementares, as quais remetem respectivamente ao livro de 1962, Nietzsche e a filosofia, e ao trabalho sobre Bergson de 1966. Para desenvolver essa hipótese, pretendemos expor o campo problemático envolvido no projeto “crítica e clínica”; no momento seguinte, trataremos da sintomatologia no capítulo 3 do livro de 1962; no passo posterior, abordaremos a discussão elaborada por Deleuze a respeito do método da intuição em Bergson; por fim, tentaremos articular sintomatologia e intuição na gênese do projeto crítica e clínica em 1967.

PALAVRAS-CHAVE: Deleuze; Sintomatologia; Método da Intuição; Literatura.

* Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

** Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

*** Pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão.

**** Pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão.

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

ABSTRACT

this article proposes to postulate that the conception of symptomatology presented by Gilles Deleuze in the “Prologue” of the book on Sacher-Masoch, in 1967, has two complementary faces, which refer respectively to the 1962 book, Nietzsche and philosophy, and the work on Bergson from 1966. To develop this hypothesis, we intend to expose the problematic field involved in the “criticism and clinical” project; in the next moment, we will deal with the symptoms in chapter 3 of the 1962 book; in the subsequent step, we will address the discussion elaborated by Deleuze regarding the method of intuition in Bergson; Finally, we will try to articulate symptoms and intuition in the genesis of the critical and clinical project in 1967.

KEYWORDS: Deleuze; Symptomatology; Intuition Method; Literature.

Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em explicitar a construção da sintomatologia enquanto um esboço do projeto denominado de “crítica e clínica” por parte de filósofo francês Gilles Deleuze durante a década de 60 do século XX. Nossa modesta hipótese consiste em afirmar que a sintomatologia apresentada no livro de 1967 possui duas faces complementares, as quais foram apresentadas respectivamente em 1962, no livro *Nietzsche e a filosofia*, especificamente no capítulo 3, cujo título é “A crítica”; já a outra face está exposta no livro de 1966, *Bergsonismo*, precisamente no capítulo 1, que é intitulado de “A intuição como método”.

Para desenvolver essa hipótese, iremos expor a argumentação concernente à sintomatologia enquanto uma das formas da ciência verdadeiramente ativa, tal qual está no trabalho de 1962. No momento seguinte, trataremos de detalhar as regras do método da intuição em Bergson, nos termos do livro de 1966, inclusive destacando a regra complementar que aborda o tema dos “falsos problemas”, em especial os “problemas mal colocados”. Por fim, descreveremos a articulação entre

esses dois aspectos da sintomatologia no contexto da concepção do projeto crítica e clínica presente no “Prólogo” do livro de 1967.

Requer elucidar que o projeto “crítica e clínica” possui a sua cristalização no livro homônimo de Deleuze publicado em 1995. Esse livro é uma coletânea que aborda o problema do escrever na literatura. Semelhante problema, para Deleuze, não está dissociado do problema do ouvir e do problema do ver, demarcando a literatura como uma saúde na escrita cuja função consiste em inventar o povo que falta.

O problema de escrever: o escritor, como diz Proust, inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira. Ele traz aluz novas potências gramaticais ou sintáticas. Arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a delirar. Mas o problema de escrever é também inseparável de um problema de ver e de ouvir: com efeito, quando se cria uma outra língua no interior da língua, a linguagem inteira tende para um limite “assintático”, “agramatical”, ou que se comunica com seu próprio fora. (DELEUZE, 1997, p. 09).

Inventar um povo que falta, em meio à articulação entre escrever, ouvir, ver e delirar, corresponde a um tensionamento da linguagem a partir do interior de uma língua concreta. Esse tensionamento consiste em empurrar o exercício efetivo da língua para um limite assintático e agramatical. Semelhante exercício literário pode ser caracterizado como uma atividade política voltada para formulação de coletividades constituídas por componentes heterogêneos.

Essa atividade é a vivência ativa de um escritor em determinada língua, cujo traço distintivo está voltado para se colocar numa perspectiva fabuladora durante o exercício da escrita. Esse olhar a partir da fabulação pode ser associado à construção e invenção de horizontes e movimentações que se colocam enquanto alternativas em relação à produção política hegemônica a respeito de representações sobre geopolítica, nacionalidades, etnias, raças, modelos societários e em relação à própria vida.

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

Esse ofício dos escritores também está diretamente relacionado à função precípua da arte no pensamento de Deleuze, a qual pode ser caracterizada como a atividade de criação de “perceptos” e “afectos”, que são seres de sensação independentes daqueles que os experimentam. Ademais, também são transbordamentos das forças que atravessam e constituem os processos de experimentação. Esses seres de sensação se encontram conservados nos meios materiais disponíveis e utilizados para a confecção concreta de cada obra de arte.

Essa conservação possui dois aspectos complementares. O primeiro aspecto é da ordem do direito (*quid juris*), no qual a arte conserva a si mesma; já o segundo aspecto é da seara do fato (*qui facti*), pois a arte se conserva no meio material. Assim, no caso dos escritores, o meio material particular concerne às palavras e à sintaxe construída para abrigar os seres de sensação, ou seja, o povo que falta.

O objetivo da arte, com os meios do material, é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto das afecções, como passagem de um estado a um outro. Extrair um bloco de sensações, um puro ser de sensações. Para isso, é preciso um método que varie com cada autor e que faça parte da obra: basta comparar Proust e Pessoa, nos quais a pesquisa da sensação, como ser, inventa procedimentos diferentes. Os escritores quanto a isto, não estão numa situação diferente da dos pintores, dos músicos, dos arquitetos. O material particular dos escritores são as palavras, e a sintaxe, a sintaxe criada que se ergue irresistivelmente em sua obra e entra na sensação. (DELEUZE, 2000, p. 217).

A partir da exposição desse contexto pertinente ao campo problemático da discussão das relações entre arte, saúde e filosofia no pensamento de Deleuze, é possível afirmar que no “Prólogo” do livro de 1967 sobre Sacher-Masoch, Deleuze apresenta a sintomatologia numa perspectiva crítica (no sentido literário) e clínica (no sentido médico). Essa perspectiva consiste em postular que a sintomatologia diz respeito sempre à arte, porém enquanto uma atividade capaz de realizar dois movimentos

complementares: 1 – relacionar especificidades clínicas à valores literários; 2 – resgatar elementos diferenciais associados às originalidades artísticas que estão submetidos à uma união apressada, ainda que seja de ordem dialética.

É preciso recomeçar tudo, e recomeçar pelas leituras de Sade e de Masoch. Sendo o julgamento clínico cheio de preconceitos, devemos recomeçar tudo, e de um ponto situado fora da clínica, o ponto literário, a partir do qual, aliás, foram denominadas as perversões em questão. Não por acaso o nome de dois escritores serviu à designação; pode ser que a crítica (no sentido literário) e a clínica (no sentido médico) estejam fadadas a entrar em novas relações, num ensino recíproco. A sintomatologia diz sempre respeito à arte. As especificidades clínicas do sadismo e do masoquismo não são separáveis dos valores literários próprios de Sade e de Masoch. E, em vez de uma dialética que apressadamente reúne contrários, deve-se buscar uma crítica e uma clínica capazes de resgatar os mecanismos realmente diferenciais, assim como as originalidades artísticas. (DELEUZE, 2009, p. 14).

Supomos que essa perspectiva de resgatar elementos diferenciais seja constituída por três itens que são desenvolvidos ao longo da década de 60 no pensamento de Deleuze. O primeiro item diz respeito à concepção de sintomatologia apresentado no livro *Nietzsche e a filosofia*, de 1962. Os outros dois itens dizem respeito à interpretação do método da intuição que está exposta no livro *Bergsonismo* de 1966.

1. Sintomatologia e a ciência verdadeiramente ativa

Em se tratando do livro de 1962, a sintomatologia é apresentada no capítulo 3 como uma das formas da ciência verdadeiramente ativa. Requer elucidar que uma ciência verdadeiramente ativa é aquela que é construída com base em conceitos ativos e recusa noções reativas como “utilidade”, “adaptação” e “regulação”. Isso significa que, para Deleuze,

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

o modelo das forças reativas foi adotado como pressuposto para a elaboração e exercício da atividade científica.

Em toda parte, nas ciências do homem e até mesmo nas ciências da natureza, aparece a ignorância das origens e da genealogia das forças. Dir-se-ia que o erudito tomou por modelo o triunfo das forças reativas e a ele que subjugar o pensamento. Invoca seu respeito pelo fato e seu autor pela verdade. Mas o fato é uma interpretação; que tipo de interpretação? O verdadeiro exprime uma vontade; quem quer o verdadeiro? E o que quer aquele que diz: Eu procuro a verdade? (DELEUZE, 1976, p. 36).

Por outro lado, a linguística ativa pretende descobrir “quem” fala e “quem” nomeia. É importante ressaltar que quando se pergunta por “quem”, não está se fazendo referência necessariamente à uma pessoa ou a grupo de pessoas. Porém, está se tentando designar as forças e vontades envolvidas no uso das palavras, isto é, as condições concretas e singulares que são concernentes ao exercício da linguagem.

Sendo assim, um possível procedimento inicial de uma linguística ativa comprehende a palavra enquanto uma atividade real e busca se colocar do ponto de vista de quem fala. Essa perspectiva possui uma implicação direta na mudança no sentido das palavras, pois essa transformação decorre da apropriação e da aplicação de uma palavra por parte de uma outra força ou de outra vontade em relação a “quem” estava inicialmente usando essa palavra.

Como consequência disso, é possível afirmar que a linguística e a filologia ativas são os modelos para a ciência verdadeiramente ativa e que a linguagem é a porta de entrada para a problematização crítica do modelo hegemônico reativo adotado pela atividade científica. Isso sem deixar de afirmar que semelhante modelo ativo está pautado no princípio de que falar é uma atividade vital e que o sentido das palavras repousa na vontade e nas forças que estão envolvendo-as.

Nesse sentido, uma ciência verdadeiramente ativa não irá submeter a noção de “ação” e a vivência propriamente dita da “ação” aos conceitos de adaptação, regulação e, sobretudo, de utilidade. Talvez o primeiro passo para uma ciência ativa seja problematizar de maneira crítica as camadas que envolvem e capturam a ação em favor do modelo reativo. Dentro desse contexto, a atividade científica está inserida no modelo reativo e a primeira tarefa de uma ciência ativa consiste em liberar as atividades vitais do primado da utilidade.

Para tanto, essa breve tarefa destrutiva da ciência ativa faz uso do conceito de vontade para confrontar o primado da verdade. Isso corresponde, em primeiro lugar, a considerar os fatos como sendo interpretações num sentido profundo e, em seguida, formular as seguintes perguntas: quem almeja o verdadeiro? O que quer aquele que almeja o verdadeiro?

Como decorrência disso, Deleuze postula que o exercício de uma ciência ativa capaz de se voltar contra um modelo reativo hegemônico, é marcada por uma problematização da linguagem, especificamente por uma genealogia crítica concernente às origens da linguagem. Esse tema das origens da linguagem é abordado na apropriação de Deleuze sobre Nietzsche a partir do seguinte princípio: o sentido de um termo está diretamente ligado à vontade de dizer alguma coisa por parte daquele que usa o termo.

Vejamos um outro exemplo, o da linguística. Existe o hábito de julgar a linguagem do ponto de vista de quem ouve. Nietzsche sonha com uma outra filosofia, uma filosofia ativa. O segredo do termo não está do lado de quem ouve, assim como o segredo da vontade não está do lado de quem obedece, ou o segredo da força do lado de quem reage. A filosofia ativa de Nietzsche só tem um princípio: um termo só quer dizer alguma coisa na medida em que aquele que o diz quer alguma coisa ao dizer-lo. (DELEUZE, 1976, p. 36).

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

Assim, Deleuze afirma que uma ciência verdadeiramente ativa é aquela capaz de descobrir as forças ativas e de reconhecer as forças reativas, vindo a interpretar as atividades vitais e as relações vitais inerentes às forças. Feita essa elucidação, é possível abordar a sintomatologia como uma das formas da ciência verdadeiramente ativa.

De acordo com Deleuze, existem três formas da ciência verdadeiramente ativa. A primeira é a própria sintomatologia, visto que interpreta os fenômenos enquanto sintomas, cujo sentido requer ser investigado nas forças que os produzem. A segunda forma é a tipologia, a qual interpreta as forças do ponto de vista de sua qualidade, ou seja, ativa ou reativa. A terceira forma é a genealogia, cujo fito consiste em avaliar a origem das forças do ponto de vista de suas respectivas nobreza ou baixeza.

Essas três formas da ciência verdadeiramente ativa equivalem também às três imagens de filosofia e de filósofo ativos e não ressentidos. O filósofo como médico (sintomatologia), pois interpreta os sintomas. O filósofo enquanto artista (tipologia), já que modela as forças. O filósofo como legislador (genealogista), visto que julga a partir da nobreza e da baixeza.

Em se tratando especificamente da sintomatologia, no livro de 1962, consiste no aspecto ou dimensão da ciência verdadeiramente ativa que busca interpretar a própria atividade científica enquanto um sintoma do ressentimento configurado e expresso em noções como “adaptação”, “integração” e principalmente “utilitarismo”. Trata-se de uma problematização dos pressupostos conceituais presentes no modelo reativo utilizado pela atividade científica como um todo (ciências da natureza e ciências humanas).

Com nisso, é importante sublinhar que essa concepção da sintomatologia, no caso da ciência verdadeiramente ativa, está vinculada ao tema da linguagem enquanto uma porta de entrada para crítica do

modelo reativo que capturou a atividade científica durante a sua própria formação. Isso significa que o tema da linguagem que será determinante no projeto crítica e clínica, na perceptiva do tensionamento da língua por parte dos escritores, se faz presente já na discussão sintomatológica.

2. Sintomatologia e o método da intuição

No caso da interpretação do método da intuição de Bergson, presente no livro de 1966, entendemos que os elementos diferenciais buscados pela sintomatologia de 1967 são compostos por especificidades clínicas diretamente relacionadas aos valores literários e são alcançáveis prioritariamente através da apropriação de Deleuze a respeito do método bergsoniano.

Sendo assim, à luz da versão de Deleuze a respeito do esquema constitutivo do método da intuição de Bergson, esse duplo movimento complementar busca, em última instância, identificar os processos integrantes de uma unidade que possa ser avaliada enquanto um misto mal formado. É possível encontrarmos no capítulo 1 do *Bergsonismo* de Deleuze, de 1966, uma exposição precisa do funcionamento dessa atividade de desfazer relações apressadas.

Em sua exposição acerca do método da intuição em Bergson, Deleuze destaca que a intuição é um dos métodos mais elaborados da filosofia e não deve ser confundida com uma simpatia confusa, sequer com um sentimento ou com uma inspiração. Ademais, a intuição supõe a própria duração enquanto tendência dominante constitutiva dos mistos e que difere de si mesma em contração e distensão, cujo movimento é marcado por dividir e diferenciar.

A intuição é o método do bergsonismo. A intuição não é um sentimento nem uma inspiração, uma simpatia confusa, mas um método elaborado, e mesmo

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

um dos mais elaborados métodos da filosofia. Ele tem suas regras estritas, que constituem o que Bergson chama de "precisão" em filosofia. (DELEUZE, 1999, p. 07).

Deleuze afirma que embora para Bergson a intuição seja um ato simples, ela também é constituída por uma multiplicidade qualitativa e virtual que se atualiza em distintos caminhos. Semelhante atualização pode ser utilizada para caracterizar a intuição como método e distingui-la de sua concepção ordinária. Para tanto, de acordo com Deleuze, Bergson distingue três atos que equivalem às regras metodológicas da intuição. Esse processo é constituído por três regras principais e duas regras complementares.

Bergson apresenta freqüentemente a intuição como um ato simples. Mas, segundo ele, a simplicidade não exclui uma multiplicidade qualitativa e virtual, direções diversas nas quais ela se atualiza. Neste sentido, a intuição implica uma pluralidade de acepções, pontos de vista múltiplos irredutíveis. Bergson distingue essencialmente três espécies de atos, os quais determinam regras do método: a primeira espécie concerne à posição e à criação de problemas; a segunda, à descoberta de verdadeiras diferenças de natureza; a terceira, à apreensão do tempo real. É mostrando como se passa de um sentido a outro, e qual é "o sentido fundamental", que se deve reencontrar a simplicidade da intuição como ato vivido, podendo-se assim responder à questão metodológica geral. (DELEUZE, 1999, p. 08).

Especificamente naquilo que concerne à proposta de sintomatologia filosófica, enquanto um pré-lúdio ou esboço do projeto crítica e clínica, tal qual está colocada no livro de 1967, é importante direcionarmos a nossa atenção para a primeira regra complementar do método da intuição devidamente inserida no contexto da primeira regra principal.

Dessa maneira, para Deleuze, o enunciado da primeira regra principal do método da intuição consiste no seguinte: aplicar a prova do verdadeiro e do falso aos próprios problemas, denunciar os falsos problemas, reconciliar verdade e criação no nível dos problemas. Requer

elucidar que, segundo Deleuze, a noção de problema em Bergson possui origens e ramificações que vão para além da história, as quais são pertencentes à vida e ao impulso vital.

Nesse caso, Deleuze explica que a própria vida se autodetermina durante o processo de contornar obstáculos, de colocar problemas e de resolver esses problemas. Isso significa que a construção do organismo vivo é, simultaneamente, apresentação do problema e solução do mesmo.

Nos termos de Deleuze, a dificuldade surge quando tenta-se aplicar aos problemas o critério de verdade pautado na ideia de “solução”, ou seja, problemas verdadeiros são aqueles portadores de possibilidade de solução. Já problemas falsos são aqueles cuja solução é impossível. Contrariando esse critério, Deleuze afirma que Bergson busca por uma determinação intrínseca do falso na expressão "falso problema".

Isso conduz Deleuze à primeira regra complementar do método da intuição. O enunciado dessa regra postula que existem dois tipos de falsos problemas. O primeiro tipo é denominado de “problemas inexistentes”, cuja imprecisão ou confusão reside entre o “mais” e o “menos”. O segundo tipo de falsos problemas é denominado de “problemas mal colocados”, os quais podem ser caracterizados como mistos mal formados pelos termos constitutivos.

Mas como conciliar com uma norma do verdadeiro esse poder de constituir problema? Se é relativamente fácil definir o verdadeiro e o falso em relação às soluções, parece muito mais difícil, uma vez colocado o problema, dizer em que consiste o verdadeiro e o falso, quando aplicados à própria colocação de problemas. A esse respeito, muitos filósofos parecem cair em um círculo: conscientes da necessidade de aplicar a prova do verdadeiro e do falso aos próprios problemas, para além das soluções, contentam-se eles em definir a verdade ou a falsidade de um problema pela sua possibilidade ou impossibilidade de receber uma solução. Ao contrário disso, o grande mérito de Bergson está em ter buscado uma determinação intrínseca do falso na expressão "falso problema". (DELEUZE, 1999, p. 07).

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

Em se tratando do segundo tipo dos falsos problemas, Deleuze afirma que os mistos mal analisados são constituídos por grupos de coisas e ideias que são arbitrariamente agrupados e que diferem por natureza. Deleuze retoma os exemplos da felicidade e do prazer para explicar o funcionamento desse segundo tipo de falsos problemas. É sempre oportuno lembrar que a diferença de natureza não está entre as tendências constitutivas do misto, pois ela é a própria tendência dominante. Mais especificamente, ela é a própria duração ou aquilo que difere de si.

Deleuze explica que se os termos não correspondem as articulações naturais, o problema é falso. Isso significa que, ao fundo, está em jogo a distinção a partir do “espaço” e do “tempo”, ou seja, entre o quantitativo e o qualitativo. Como no caso da noção de “intensidade”, pois, seguindo a retomada bergsoniana do argumento de Deleuze, a intensidade, nessa perspectiva, é um misto mal formado.

Nesse caso, a intensidade é tratada como um misto mal formado uma vez que a qualidade da sensação é confundida com o espaço muscular correspondente ou com a causa física que a produz. Isso significa que a noção de intensidade é constituída por uma mistura impura entre processos que diferem por natureza.

Também nesse caso são célebres as análises de Bergson, quando ele denuncia a intensidade como sendo um tal misto: quando se confunde a qualidade da sensação com o espaço muscular que lhe corresponde ou com a quantidade da causa física que a produz, a noção de intensidade implica uma mistura impura entre determinações que diferem por natureza, de modo que a questão "quanto cresce a sensação?" remete sempre a um problema mal colocado. (DELEUZE, 1999, p. 10).

Em função disso, é pertinente fazer referência à segunda regra do método da intuição tal qual foi exposto por Deleuze. Essa segunda regra advoga que cabe ao método da intuição lutar contra a ilusão e reencontrar as verdadeiras diferenças de natureza ou as articulações do real. Essa

ilusão está fundada no mais profundo da inteligência e só possível combater os seus efeitos, visto que ela não poder ser dissipada, porém somente recalculada. Assim, o núcleo dessa ilusão consiste em pensar em diferenças de grau, em vez de considerarmos as coisas em termos de diferenças de natureza.

Em resumo, medimos as misturas com uma unidade que é, ela própria, impura e já misturada. Perdemos a razão dos mistos. A obsessão pelo puro, em Bergson, retoma nessa restauração das diferenças de natureza. Só o que difere por natureza pode ser dito puro, mas só tendências diferem por natureza. Trata-se, portanto, de dividir o misto de acordo com tendências qualitativas e qualificadas, isto é, de acordo com a maneira pela qual o misto combina a duração e a extensão definidas como movimentos, direções de movimentos (como a duração-contração e a matéria-distensão). A intuição, como método de divisão, guarda semelhança ainda com uma análise transcendental: se o misto representa o fato, é preciso dividi-lo em tendências ou em puras presenças, que só existem de *direito*. (DELEUZE, 1999, p. 15).

Com base nisso podemos frisar que a intuição é um método da divisão que opera de acordo com as articulações do real, buscando restaurar as diferenças de natureza. As diferenças de natureza são as tendências (e nunca as coisas) que diferem de si mesmas ao se dividirem. As tendências são presenças puras que existem apenas de direito (*quid juris*) enquanto elementos de uma análise transcendental que voltada para investigar as condições da experiência real, ou seja, de maneira rigorosa, é possível asseverar que as tendências são condições das representações. Nos termos da terceira regra proposta por Deleuze para o método da intuição, que preconiza colocar os problemas em função do tempo e não em razão do espaço, a boa tendência na qual estão as diferenças de natureza é o tempo enquanto duração, a qual divide e difere de a si mesma e, em seguida, busca pela composição virtual das articulações do real.

E a duração é sempre o lugar e o meio das diferenças de natureza, sendo inclusive o conjunto e a multiplicidade delas, de modo que só há diferenças de

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

natureza na duração - ao passo que o espaço é tão-somente o lugar, o meio, o conjunto das diferenças de grau. (DELEUZE, 1999, p. 23).

Isso permite compreender a inspiração que Deleuze retira do método da intuição para submeter à entidade sadomasoquista ao seu ataque, cujas coordenadas estão presentes no “Prologo” do trabalho de 1967. Dividir a entidade sadomasoquista nas diferenciações específicas do sadismo e do masoquismo significa também, de um ponto de vista filosófico, atacar as condições de um problema mal colocado.

Semelhante ataque poderia carregar consigo problemas conceituais como os seguintes: no caso da divisão da entidade sadomasoquista, qual é a boa tendência? O sadismo? O masoquismo? Ou nenhum dos dois? No caso de Deleuze, é possível pontuar duas razões distintas para desenvolver essas perguntas. A primeira diz respeito às distinções entre aplicação literal e inspiração virtual. Supomos que o método da intuição apresentado no *Bergsonismo* seja uma inspiração virtual para a constituição da sintomatologia em 1967. Uma inspiração virtual significa a condição de direito (*quid juris*) do uso do método numa atualização de fato (*quid facti*), cujo núcleo concreto desse fato é a unidade da entidade sadomasoquista enquanto um misto mal colocado. A segunda razão trata da importância de Masoch, para Deleuze, em relação à Sade, sobretudo da primazia que a pornografia do primeiro ganha diante da pornografia do segundo.

Caber ainda sublinhar que o ataque promovido pela sintomatologia à entidade sadomasoquista também equivale à busca, do ponto de vista de uma análise transcendental, pelas condições envolvidas na constituição dessa entidade. Essas condições são clínicas e sintomatológicas, mas não deixam de ser críticas e literárias, pois concernem ao processo de criação de perceptos e afectos da ordem da arte através da linguagem e da sintaxe. Portanto, essa divisão, de inspiração

bergsoniana, operada por Deleuze na entidade sadomasoquista possibilita a reconciliação dos valores literários com os componentes clínicos, fundando o esboço do projeto crítica e clínica.

Considerações finais

É oportuno retomarmos a nossa hipótese de trabalho: a concepção de sintomatologia apresentada por Gilles Deleuze no “Prólogo” do livro sobre Sacher-Masoch, em 1967, possui duas faces complementares, as quais remetem respectivamente ao livro de 1962, *Nietzsche e a filosofia*, e ao trabalho sobre Bergson de 1966. A primeira face diz respeito à sintomatologia enquanto uma forma da ciência verdadeiramente ativa, a qual possui um aspecto crítico voltado para confrontar os conceitos que atualizam o ressentimento, tais como “adaptação” e “utilidade. Essa perspectiva promove uma relevante problematização em torno do tema da linguagem, cuja derivação configura a busca pelo exercício ativo de quem fala e de como os significados estão pautados pelos usos envolvidos em jogos de poder e busca por hegemonia. Assim, nessa primeira face, a sintomatologia estuda os fenômenos enquanto sintomas ou sinais.

Por sua vez, a segunda face da sintomatologia pode ser aproximada da reivindicação que Deleuze realiza do método da intuição de Bergson, uma vez que está voltada para identificar os mistos mal-formados e preconizar a dissolução deles. Isso significa que esse olhar possibilita Deleuze tratar a entidade sadomasoquista como um misto entre sadismo e masoquismo operado pelo negativo da dialética. Essa operação descuida dos elementos diferenciais constitutivos que correspondem aos valores literários construídos por Sade e Masoch. Abordar o tema dos valores literários equivale também a realizar uma genealogia, enquanto forma da ciência verdadeiramente ativa, pois trata-se da procura pelo

Flávio Luiz de Castro Freitas
Luciano da Silva Façanha
Brenda dos Santos Menezes
Juliana Mendes Campos

“valor” dos “valores” ou pelo valor que está pressuposto nos valores desenvolvidos por cada um desses escritores.

Nesse caso, a pergunta se radicaliza ao levar adiante a investigação pelas condições envolvidas na confecção do “valor” dos “valores”. Essas condições possuem uma salutar ambiguidade, visto que podem ser os sentimentos e afetos presentes na criação dos juízos de valoração moral, ainda que sejam estéticos; ou podem ser as condições de realidade dessa experiência de criação singular pertinente ao “valor” dos “valores. Esse aspecto corresponde também às condições envolvidas na criação que permanecem sempre singulares. Portanto, essa pergunta pode ser compreendida também enquanto uma procura pelo singular que foi absorvido por um conjunto de representações hegemônicas decorrentes de uma imagem do pensamento de ordem moral ou dogmática, que está constantemente ensurdecida para os gritos vocalizados pelos signos (ontológicos e transcedentais) provenientes do mundo e da própria vida.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel. Tradução: Jorge Bastos; revisão técnica Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia?. Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

As duas possíveis faces da sintomatologia na obra de Gilles Deleuze durante a
década de 60

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles. Bergsonismo. Tradução: Luiz. B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.